

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

PAMELA PORTO DE FREITAS



RESGATE DE MEMÓRIAS DE INFÂNCIA EM UM PROJETO DE EXTENSÃO SOB
O OLHAR DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO

MARINGÁ

2022

PAMELA PORTO DE FREITAS

RESGATE DE MEMÓRIAS DE INFÂNCIA EM UM PROJETO DE EXTENSÃO SOB
O OLHAR DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO

Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso”, do curso de Pedagogia, modalidade presencial, da Universidade Estadual de Maringá.

Orientação: Profa. Dra. Sandra Regina Cassol Carbello

MARINGÁ

2022

RESGATE DE MEMÓRIAS DE INFÂNCIA EM UM PROJETO DE EXTENSÃO SOB O OLHAR DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO

Acadêmica: Pamela Porto de Freitas¹

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Regina Cassol Carbello²

RESUMO

Esta pesquisa estudou as contribuições do projeto de extensão “Bola de Meia, Bola de Gude: de conversas sobre memórias de brinquedos, jogos e brincadeiras à interação pedagógica com alunos da educação básica”, da Universidade Estadual de Maringá, para a conservação e valorização das memórias dos idosos integrantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). Para tanto, realizamos uma breve apresentação da história da UNATI a fim de compreendermos de que maneira esta foi pensada e com quais objetivos. Posteriormente, abordamos o histórico do projeto de extensão e as atividades efetuadas. A discussão teórica sobre memória está fundamentada nos estudos de Halbwachs (1990) e Bosi (1994). Assim, afirmamos que este trabalho colaborou para compreendermos, teoricamente, as contribuições que o Projeto de Extensão trouxe para os unatianos e para nós acadêmicas, a partir do resgate de memórias, o qual permitiu que desenvolvêssemos um olhar diferenciado para as vivências de cada sujeito superando os estereótipos e preconceitos relacionados à terceira idade, nos impulsionando a pensar em práticas educativas que se mobilizem em prol da integração social dos idosos.

Palavras-chave: Resgate de memórias. UNATI. Projeto de extensão.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo apresentar as contribuições do Projeto de Extensão: “Bola de Meia, Bola de Gude: de conversas sobre memórias de brinquedos, jogos e brincadeiras à interação pedagógica com alunos da educação básica”, para a conservação e valorização das memórias dos idosos integrantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI).

Desse modo, é importante primeiro compreendermos de que forma o envelhecimento³ é visto em nossa sociedade, pois estas perspectivas influenciam a forma com que os sujeitos olham para si mesmos. Envelhecer é natural e traz consigo

¹ Acadêmica do 4º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá. Contato: ra108557@uem.br

² Professora da área de Gestão Educacional. Departamento de Fundamentos da Educação (DFE). Universidade Estadual de Maringá (UEM). Contato: srccarbello@uem.br

³ Segundo Neri (2005, p. 115), este é um processo genético da espécie se diferenciando em cada indivíduo, “[...] se traduz em diminuição da plasticidade comportamental, em aumento da vulnerabilidade, em acumulação de perdas evolutivas e no aumento da probabilidade de morte [...]”, mudanças estas que sofrem influência de fatores genético-biológicos, sociohistóricos e psicológicos. Sendo a velhice a fase de ocorrência destas transformações.

inúmeras mudanças para a vida do indivíduo. São mudanças mentais, físicas e sociais. Nesse processo, Silva (2012, p. 9) afirma que é fundamental:

[...] entender a velhice como um fenômeno bio cultural, uma vez que, para além da ocorrência de alterações biofísicas, também envolve experiências únicas de cada pessoa num dado momento e num dado contexto social e cultural [...].

Entretanto, sabemos que o processo de envelhecimento em nossa sociedade traz consigo uma carga negativa, relacionada a preconceitos e inúmeros estereótipos. Silva (2012) aponta para a importância de valorizar os potenciais dos idosos⁴ e auxiliá-los no reconhecimento e desenvolvimento de capacidades, visando a superação da visão pessimista acerca da velhice. A interação com outras pessoas e o sentimento de pertencimento a um grupo é primordial para que o idoso se sinta valorizado e possa transmitir os saberes que acumulou ao longo de sua vida. Com esse foco, em 1973, na França, foi criada a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), com o objetivo de acolher idosos e, por meio da educação, contribuir para a valorização de suas memórias e experiências (VELLAS, 2009).

Dessa forma, sinalizamos que a universidade é um espaço privilegiado para contribuir com pesquisas, reflexões e debates acerca da educação para a superação dos estereótipos e preconceitos que cerceiam a velhice e outras fases da vida, como a infância, por exemplo. A universidade, para Anísio Teixeira, é a instituição social responsável pela conservação, renovação e difusão do conhecimento de uma forma consciente, viva e inspiradora. Em suas palavras:

A função da Universidade é uma função única e exclusiva. Não se trata somente de difundir conhecimentos. O livro também os difunde. Não se trata, somente, de conservar a experiência humana. O livro também a conserva. Não se trata, somente, de preparar práticos ou profissionais, de ofícios ou artes. A aprendizagem direta os prepara, ou, em último caso, escolas muito mais singelas do que universidades. Trata-se de manter uma atmosfera de saber, para se preparar o homem que o serve e o desenvolve. Trata-se de conservar o saber vivo e não morto, nos livros ou no empirismo das práticas não intelectualizadas. Trata-se de formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva. Trata-se de difundir a cultura humana, mas de fazê-lo

⁴ Neri (2005) define idosos como um grupo de indivíduos com mais de 60 anos nos países em desenvolvimento e com mais de 65 anos em países desenvolvidos. Elementos subjetivos e sociais, são determinantes para diferenciá-los, dado que o aumento da expectativa de vida sugere uma heterogeneidade dentro desta categoria. Além disso, como aponta Silva (2008), o termo idoso passou a ser utilizado a partir da década de 60, na França, substituindo a palavra “velho”, trazendo menos estereótipos negativos, o que caracterizou uma mudança na perspectiva acerca do envelhecimento.

com inspiração, enriquecendo e vitalizando o saber do passado com a sedução, a atração e o ímpeto do presente. (TEIXEIRA, 1962, p. 183)

Diante disso, citamos alguns trabalhos realizados sobre as UNATIs e as memórias: Schmidt e Mahfoud (1993); Lima (1999); Cordeiro (2006); Vellas (2009); Silva (2012); Lolli et al (2013); Alvarenga, Yassuda e Cachioni (2013); Rios (2013); Lolli, Lolli e Maio (2014); Mendes (2017); Graeff e Graebin (2018); Silva et al (2020).

Visando, contribuir com as pesquisas dessa área, nos propomos a responder a seguinte pergunta: de que forma o Projeto de Extensão “Bola de Meia, Bola de Gude: de conversas sobre memórias de brinquedos, jogos e brincadeiras à interação pedagógica com alunos da educação básica”, contribuiu para a conservação e valorização das memórias dos idosos integrantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), considerando as atividades realizadas em 2019, 2020 e 2021?

Consideramos que o resgate de memórias, realizado através das produções de brinquedos, dos diálogos e das atividades intergeracionais, contribuiu para a valorização das experiências dos idosos. Além disso, se sentir integrante do projeto de extensão, ter um espaço para dialogar, ser instigado a produzir brinquedos, interagir com as crianças e participar das atividades nas escolas, possibilitou momentos de interação, socialização, bem-estar e aprendizados. Ademais, o resgate de memórias viabilizou contribuições para a nossa formação como futuras pedagogas, pensando na valorização das atividades intergeracionais e desenvolvendo o respeito pelos diferentes conhecimentos independentemente da idade.

Nesse sentido, defendemos, nesse trabalho, que as atividades intergeracionais são essenciais para o desenvolvimento do respeito entre as gerações, contribuindo para a autoestima e a troca de experiências. Sendo assim, a escola e os gestores têm um papel fundamental em possibilitar a realização de atividades dessa natureza, dado que “[...] As pessoas mudam com as organizações e as organizações mudam as pessoas” (LIBÂNEO, 2008, p. 13).

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, a qual é definida por Gil (2017) como um tipo de estudo que se utiliza de materiais já elaborados como livros e artigos científicos para responder o problema de pesquisa. Desse modo, realizamos um levantamento teórico acerca da memória e da UNATI. A fim de analisar as contribuições das atividades de resgate de memória para os idosos. Este trabalho também se caracteriza como uma pesquisa participante, ao nos dedicarmos a relatar e explicar a constituição e as realizações do projeto de extensão. Do qual a

pesquisadora fez parte, uma vez que, como explica o autor, este tipo de trabalho surge dentro de um determinado grupo que busca compreender e responder suas próprias demandas, colocando o pesquisador em um papel de participante e estabelecendo uma relação horizontal com seu objeto de estudo.

Este estudo se justifica pela sua contribuição às pesquisas na área de Gerontologia dentro da educação, sendo que de acordo com Cachioni e Neri (2004), ela é uma grande área que abrange diversos saberes acerca da velhice, advindos de variados campos do conhecimento. Destacamos que a grande parte dos estudos realizados na esfera gerontológica estão presentes na perspectiva da saúde e nosso trabalho propõe uma contribuição acerca da participação do idoso em diferentes espaços educativos, entre eles a universidade e a escola.

Além disso, compreender de que forma podemos colaborar para um envelhecimento saudável e com qualidade de vida é primordial, já que os dados evidenciados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e por Simões (2016) revelam um crescimento da expectativa de vida e uma diminuição da taxa de natalidade. Os índices mostram que a população idosa está em crescimento, assim, é fundamental que tenham seus direitos respeitados e seus saberes valorizados. Para Cruz e Piana (2009, p. 8): “A primeira urgência que a longevidade traz é o desafio de, ao lado do aumento da expectativa de vida, rever e reinventar as trajetórias pessoais [...]”.

É importante que, como profissionais da educação, nos aprofundemos nesta área a fim de produzir novos conhecimentos sobre a educação para a terceira idade⁵, a partir de uma perspectiva pedagógica, que vise, por meio de atividades intergeracionais, atender às demandas advindas do processo de envelhecimento; compreendendo qual o papel dos pedagogos neste decurso, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento do respeito e da superação dos preconceitos relacionados ao envelhecimento.

Para contribuir com essa discussão, apresentaremos neste artigo o histórico da UNATI e do projeto de extensão na UEM, apresentando algumas das atividades já realizadas. Na sequência, ancoradas na teoria halbwachiana, realizaremos

⁵ Este termo é recente, sendo resultado de avanços nos estudos da Geriatria e da Gerontologia, assim como pela consolidação da aposentadoria. O termo terceira idade contribuiu para a superação de alguns estereótipos negativos ligados à velhice, entretanto este conceito ainda está em debate e gera muitos questionamentos. (SILVA, 2008)

apontamentos sobre o conceito de memória e as relações com as atividades do projeto. Por fim, nas considerações finais, destacaremos as contribuições deste estudo na nossa formação humana e docente.

2 DA UNATI À EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

2.1 A Universidade Aberta à Terceira Idade – UNATI

A Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) foi idealizada e criada pelo professor Pierre Vellas, em 23 de fevereiro de 1973, na Universidade de Toulouse, na França, tendo como um dos seus principais objetivos “[...] determinar em que condições é possível à Universidade contribuir para a melhoria das condições de vida das pessoas idosas [...]” (VELLAS, 2009, p. 180). Essa criação trouxe inúmeras contribuições para as discussões sobre as políticas e as ações que deveriam ser desenvolvidas em prol da terceira idade, tendo como ponto de partida as negligências com os idosos, observadas no cenário francês⁶.

Peixoto (1997 *apud* LIMA, 1999) destaca que a Universidade Aberta à Terceira Idade francesa passou por três fases durante a sua constituição. Na primeira, o foco estava no lazer para os idosos; na segunda, o destaque era para a educação vista como um instrumento de integração social, de bem-estar e de pesquisas no campo da gerontologia; já a terceira fase, se caracterizou por cursos universitários que geravam diplomas, nos quais os alunos passaram a ser produtores de conhecimento.

A partir desse contexto, somos instigados a pensar e a debater sobre os motivos pelos quais idosos perderam e perdem seus direitos em nossa sociedade e as formas de reorganizar a participação do idoso na vida social. Vellas (2009) volta-nos o olhar para o sistema no qual estamos inseridos: a sociedade capitalista, um sistema movimentado pelo lucro, ou seja, pelo aumento da produção. Nesse contexto, o autor assevera que: “A sociedade materialista do crescimento, do lucro, condenou a velhice, pois a considerou inútil por não produzir mais [...]”. (VELLAS, 2009, p. 12). Isso não é natural e pode ser alterado com o desenvolvimento da consciência sobre o envelhecimento e a contribuição do idoso em diferentes espaços sociais.

⁶ Pierre Vellas, em seu livro “As oportunidades da Terceira Idade” (traduzido por Claudio Stieltjes e Regina Taam, ambos professores da Universidade Estadual de Maringá), traz inúmeras reflexões sobre o envelhecimento e a forma com que esta fase da vida é vista pela sociedade francesa. Levando-nos a refletir sobre a melhoria da qualidade de vida dos idosos.

Nesse trabalho defendemos que a presença dos idosos na universidade e nas escolas é fundamental para a integração social, para o fortalecimento de relações pautadas no respeito e no diálogo.

Vellas (2009), destaca ainda, que o pertencimento e a valorização são primordiais nos cuidados com os idosos, afirmando que problemas de saúde que muitas vezes os acometem e que são tidos como irreversíveis podem ser revertidos ou amenizados através do afeto:

[...] Que o calor da voz, a esperança que podemos dar com as conversas mantidas, que as mensagens que trazemos, ou os movimentos que tornamos possíveis para os corpos envelhecidos, e até então incapazes de se moverem, podem mudar novamente o destino (VELLAS, 2009, p. 28).

Desse modo, o autor afirma que se faz necessário a institucionalização de políticas para a velhice, as quais atendam às demandas de nosso tempo e que “[...] permita às pessoas idosas se adaptarem às transformações da nossa sociedade, e terem seu devido lugar; e nela poder viver bem [...]” (VELLAS, 2009, p. 70).

No Brasil, de acordo com Lima (1999), as primeiras ações voltadas para a terceira idade ocorreram por volta da década de 1960, por iniciativa do Serviço Social do Comércio (SESC). Tais atividades eram centradas no lazer, pois acreditava-se que esse seria o melhor instrumento para possibilitar a interação. Essa iniciativa buscava maneiras de intervir na vida dos idosos ociosos e não tinha como principal questão a velhice como problema social.

Em 1977, foi inaugurada a primeira Escola Aberta à Terceira Idade, em Campinas - São Paulo, com uma abordagem mais próxima à UNATI francesa. Nessa escola, o lazer se aliou à educação. Já na década de 1980, foi divulgada pelas mídias na esfera nacional a primeira UNATI brasileira, instituída na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC), a qual serviu de exemplo “[...] juntamente com o Plano de Ação Mundial da ONU, e as UNATIs francesas, para a implementação de várias outras UNATIs no país” (LIMA, 1999, p. 93).

Dessa maneira, deu-se o crescimento das UNATIs no território brasileiro, cada qual com suas características e especificidades, voltadas às necessidades do seu meio, se distinguindo em alguns aspectos. Contudo, todas estão interligadas com os mesmos objetivos de valorizar os idosos e suas vivências, contribuindo com sua autoestima e qualidade de vida. Proporcionam interação com outras pessoas e com diversos conhecimentos, assim como uma formação cidadã, almejando colaborar com

a sua conscientização política e com os cuidados relacionados à saúde física e mental. Neste sentido, Cruz e Piana (2009, p. 10) afirmam que: “[...] Reeducar o idoso significa educar para a velhice, ou seja, preparar o indivíduo para compreender o seu próprio processo de envelhecimento, e que possa aceitar e trabalhar de acordo com as suas limitações [...]”. Percebendo o meio em que está inserido e observando as maneiras de atuar e se posicionar na sociedade.

Com todos esses desafios, a UNATI chegou também à Universidade Estadual de Maringá. De acordo com Stieltjes e Taam (2011 apud LOLLI; LOLLI; MAIO, 2014) a UNATI foi instituída na gestão do professor Décio Sperandio, através da Resolução nº 034/2099-COU, em 14 de dezembro de 2009, e sua aula inaugural aconteceu em 7 de março de 2010. E sua criação foi idealizada e motivada pela professora Regina Taam, a qual foi uma docente de grande atuação na UNATI/UEM.

Para se tornar unatiano na UEM é necessário: ter idade igual ou superior a sessenta anos e ser assíduo nas atividades, ou seja, qualquer idoso que tenha vontade de se envolver em ações educacionais, adquirir novos aprendizados e pertencer a um grupo, pode se inscrever e concorrer a uma vaga, que é definida por sorteio público (RESOLUÇÃO Nº 034/2009-COU). Dessa maneira, destaca-se a contribuição e a importância da universidade para a integração dos idosos na comunidade, nos diferentes cursos e nas diferentes atividades.

Em relação à organização pedagógica, a UNATI/UEM oferece cursos que são divididos nos seguintes eixos temáticos: Arte e cultura; Processos e procedimentos comunicativos; Saúde física e mental; Meio físico e social; Direito e cidadania; Humanidades. Estes podem ser escolhidos livremente pelos idosos, não possuindo caráter profissionalizante. Sua finalidade é colaborar com a melhoria da qualidade de vida da terceira idade através da educação, pela qual os unatianos têm a oportunidade de realizar diversos aprendizados, se sentirem integrados a um grupo e uma instituição.

Entre as atividades pedagógicas desenvolvidas na UNATI/UEM estava o curso “Brinquedos, jogos e brincadeiras: registros de memórias” ofertado pela professora Sandra Regina Cassol Carbello, a partir de 2017. As ações deste curso centravam-se em dialogar sobre as memórias de infância dos unatianos e unatianas, a partir de referências culturais como telas de Cândido Portinari; poemas de José Paulo Paes e Cora Coralina; e documentários como “Tarja Branca”. A partir do diálogo e do resgate

das lembranças de infância, organizado de forma coletiva, o desafio era pensar formas de registrá-las e de interagir com outras pessoas para estimular a interação social.

As atividades do curso foram desenvolvidas em duas turmas no ano de 2017 e duas turmas no ano de 2018. Já em 2019, se transformou em um projeto de extensão em parceria com programas de incentivo a formação de docentes, dando continuidade nos estudos e intervenções nos anos de 2020 e 2021.

2.2 O Projeto de Extensão: Bola de Meia, Bola de Gude: de conversas sobre memórias de brinquedos, jogos e brincadeiras à interação pedagógica com alunos da educação básica

O Projeto de Extensão iniciou suas atividades formalmente em abril de 2019, mas sua história começou antes. Mais especificamente, com uma intervenção experimental realizada no dia 5 de outubro de 2018, na Escola Municipal Diderot Alves da Rocha Loures. Esta foi planejada pelos unatianos alunos do curso “Brinquedos, jogos e brincadeiras: registro de memórias”. E pelos pibidianos, ou seja, acadêmicos do curso de Pedagogia e integrantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)⁷, com foco em Gestão Escolar.

Estes eram supervisionados pela professora Nadia Mara Caetano (na época supervisora da instituição) e foram acolhidos pela equipe de gestores da escola, formada também pelo professor Marcelo Inácio da Silva (naquele período ocupava o cargo de diretor) e a professora Dione Aparecida Borges Maganha (também pedagoga da escola), os quais aceitaram o desafio de realizar uma atividade que envolvia unatianos, pibidianos e crianças do ensino fundamental, para trabalharem com memórias e confecção de brinquedos.

A atividade contou com a participação de 25 crianças do 4º ano para comemorar o dia das crianças e a semana do idoso, ambas celebradas em outubro. A intervenção pedagógica ocorreu da seguinte maneira: primeiramente, os idosos apresentaram brinquedos que eles haviam confeccionado no curso da UNATI; depois, realizaram uma oficina de bola de meia com as crianças, auxiliando-as na montagem e na

⁷ O PIBID é um programa voltado para acadêmicos de 1º e 2º ano de cursos de licenciaturas e tem como objetivo proporcionar aos estudantes a oportunidade de estudar teorias essenciais para a formação de um educador, mas que muitas vezes não estão presentes na grade curricular dos cursos, ou seja, há o aprendizado de conteúdos extracurriculares e junto a isso, a interação com professores e alunos da rede básica de ensino, possibilitando a constituição de uma *práxis* (teoria e prática interligados) nas ações dos pibidianos (EDITAL Nº 7/2018).

costura; e, para finalizar, cada criança pôde decorar seu brinquedo. Posteriormente, os alunos foram brincar junto com os unatianos na quadra da escola com a bola de meia; e por fim, puderam levá-la para casa, com a finalidade de brincarem com seus familiares, utilizando um brinquedo feito por elas, estimulando o resgate de memórias na família e a interação com os idosos.

Esta foi uma atividade extremamente especial para todos os envolvidos. Desde então, as intervenções dos idosos não pararam. A segunda ação foi realizada durante a Semana Cultural do Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP-UEM), nos dias 14 e 19 de novembro de 2018, novamente com a parceria entre unatianos e pibidianos, e dessa vez, contou com a participação dos acadêmicos do Programa Residência Pedagógica⁸. No CAP a atividade abrangeu um número maior de alunos, sendo em média 75 discentes/dia e seguiu o mesmo planejamento da primeira intervenção.

A partir destas experiências exitosas um grupo de pibidianas e unatianos, em conjunto com a Profa. Dra. Sandra Regina Cassol Carbello organizaram o “Projeto de Extensão: Bola de Meia, Bola de Gude: de conversas sobre memórias de brinquedos, jogos e brincadeiras à interação pedagógica com alunos da educação básica”, o qual teve o início das suas atividades em 2019. Os encontros ocorriam semanalmente, na segunda-feira, às 14h, na Universidade Estadual de Maringá.

No primeiro semestre, nossas atividades se concentraram em estudos e discussões teóricas sobre a importância das brincadeiras a partir dos apontamentos de Kishimoto (2012); o direito de brincar assegurado no Estatuto da Criança e do Adolescente; os direitos dos idosos em transmitir seus conhecimentos e tradições como sinaliza o Estatuto do Idoso e as discussões sobre as contribuições da terceira idade apontadas por Pierre Vellas (2009).

Além dos estudos teóricos, realizamos oficinas de brinquedos que foram ministradas pelos unatianos para as acadêmicas. A primeira oficina foi de telefones de latas. Para tal levamos os materiais e produzimos os brinquedos com orientação e o auxílio dos unatianos. A segunda oficina foi a do boneco trapezista, sob a orientação dos idosos, conseguimos confeccionar o brinquedo de madeira. A terceira oficina teve como desafio a produção de bonecos equilibristas, com massa de modelar e palitos

⁸ O Programa Residência Pedagógica tem os mesmos princípios do PIBID, ou seja, colaborar na formação de docentes e gestores, fundamentando na teoria e exercitando na prática, através do contato com instituições da rede pública de ensino, mas ele está voltado para alunos do 3º e 4º ano das licenciaturas (EDITAL Nº 1/2020).

de madeira. Na quarta oficina, confeccionamos bonecas de sabugo de milho, com suas roupas estilizadas e exclusivas, feitas com retalhos de tecido. A última oficina foi dedicada à confecção de cinco marias, que foram feitas com retalhos de tecidos, os quais foram preenchidos com materiais diversos para ter texturas e pesos diferentes. Entre os materiais destacamos: areia, grãos de arroz, pedrinhas e grão de feijão. Depois de preenchidas, foram costuradas à mão, para fechar e dar acabamento no brinquedo.

Os momentos das oficinas foram repletos de afeto e de troca de conhecimentos entre diferentes gerações (acadêmicas e unatianos), preparando todo o grupo para as atividades que viriam a ser realizadas, nas escolas de educação básica, no segundo semestre daquele ano. Assim, os brinquedos foram guardados em caixas, que haviam sido preparadas - encapadas e etiquetadas, por todo o grupo, em clima festivo, - com o objetivo de armazenar com cuidado os brinquedos, que seriam utilizados nas intervenções.

No segundo semestre de 2019, fomos até às escolas e realizamos estas atividades. Para fazê-las, em primeiro lugar, desenvolvíamos um planejamento em conjunto com toda a equipe envolvida, a fim de que unatianos e acadêmicos estivessem dispostos e preparados para a experiência com as crianças, vivenciando-a de forma prazerosa e enriquecedora.

Desta maneira, no dia 27 de setembro de 2019, fomos à Escola Municipal Professora Nadyr Maria Alegretti, e novamente desenvolvemos a atividade em conjunto com o PIBID. Interagimos com três turmas do terceiro ano do Ensino Fundamental I, aproximadamente 75 crianças, organizadas em grupos menores. O trabalho dos unatianos foi dividido em dois momentos: primeiramente, fizeram uma apresentação dos brinquedos que haviam produzido no projeto, fazendo suspense para abrir as caixas, contando histórias dos brinquedos e fazendo referência de como estes brinquedos fizeram parte da sua infância; depois, confeccionaram bolas de meias com os alunos, tendo auxílio de professores e pibidianos.

Nossa segunda intervenção, já como projeto de extensão, aconteceu no dia 25 de outubro de 2019, na Escola Municipal Diderot Alves da Rocha Loures. Em conjunto, novamente com o PIBID, dado que a primeira atividade realizada nesta instituição teve uma repercussão positiva e o pedido da direção era para envolver o maior número de crianças possível. Nessa ação decidimos, então, abranger todas as crianças da

escola. Com isso atendemos em média 200 crianças, sistematizando um rodízio de brincadeiras.

Toda a ação foi organizada na quadra da escola, onde as estações de brinquedos foram dispostas, sendo elas: estação batata quente; estação telefone de lata e cinco marias; estação cantigas de roda; estação de exposição de brinquedos. Em cada estação, haviam unatianos e pibidianos para acolherem as crianças e brincarem com elas, sendo que cada turma tinha 15 minutos de permanência em cada estação. No primeiro período, que correspondia das 14h às 15h, atendemos os primeiros e segundos anos (turmas A e B); no momento após o intervalo, que ocorreu das 15h20min às 16h20min, trabalhamos com os terceiros e quartos anos (turmas A e B), ou seja, em cada período estivemos com quatro turmas, sendo que no turno da tarde não havia quinto ano.

Por fim, o projeto voltou também ao CAP-UEM, com a mesma dinâmica realizada na Escola Diderot, a fim de que alunos e unatianos trocassem experiências e brincassem juntos. Todas as atividades realizadas em 2019 foram extremamente importantes para todo o grupo, o que era visível nas rodas de conversa quando cada um expunha suas impressões e sentimentos acerca das ações realizadas.

Destacava-se, nos relatos, a elevação da autoestima dos unatianos que se sentiam respeitados e integrados. Estes saíam da escola cansados fisicamente, mas muito motivados e alegres. Perceberam que havia muito interesse das crianças em um conhecimento que eles julgavam não ter importância. Nestes momentos, era possível sentir a emoção e a satisfação dos unatianos em terem ensinado e interagido com os mais novos. As acadêmicas se sentiam felizes por terem exercitado a prática da gestão em planejar e estar à frente de toda a atividade, uma responsabilidade enorme para professoras em formação.

Em 2020, um obstáculo maior se impôs e nós não pudemos ir às escolas por conta da pandemia⁹ causada pelo vírus da Covid-19. Neste cenário, as instituições escolares foram fechadas e o isolamento social se fez necessário, principalmente para

⁹ A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) explica que de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), pandemia é uma disseminação em escala mundial de uma nova doença. Fato este iniciado no ano de 2019, ocasionado pelo coronavírus SARS-CoV-2, tendo seu primeiro foco na China e se espalhando para o mundo inteiro, que passou a apresentar milhares de casos e de mortes acarretadas pela doença que passou a ser chamada de Covid-19, a qual se caracteriza como uma infecção respiratória altamente transmissível (Ministério da Saúde).

as pessoas dos grupos de risco (idosos, crianças e pessoas com comorbidades). Sobre isso, Dourado (2020, p. 155) afirma que

[...] Os decretos e orientações de vários estados e municípios exigindo ou sugerindo que os idosos fiquem em casa soaram como confirmação do risco e provocaram angústia por impedir a organização do cotidiano como faziam [...].

Nesse contexto, o projeto passou a ter uma nova demanda, sendo ela acolher e escutar seus integrantes. Assim, a partir do mês de maio de 2020, passamos a nos encontrar por meio da plataforma *Google Meet*, na sexta-feira, às 14h. Em um primeiro momento, os encontros foram centrados na integração e socialização, nos quais cada participante comentava o que havia acontecido na sua semana, compartilhava suas angústias e alegrias. Além disso, realizávamos um momento cultural, no qual podíamos ler uma poesia, ouvir uma música, ler uma frase de livro, levar a sugestão de filmes, livros e músicas, isto é, contribuir com materiais que pudessem trazer alívio e aconchego em um contexto de dúvida e medo.

Em um segundo momento, os unatianos foram desafiados a registrarem de diferentes formas, brinquedos e brincadeiras produzidos por eles. Isso poderia ser feito através de fotos, vídeos ou da forma que considerassem melhor; além disso, o projeto também recebeu novos integrantes, acadêmicos do curso de Pedagogia e realizou apresentações de trabalhos remotamente nos seguintes eventos: 3º Encontro Anual de Extensão, da Universidade Estadual de Maringá (EAEX/UEM); 38º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, na Universidade Estadual de Londrina (SEURS/UEL); 1º Encontro sobre UNATI e envelhecimento: estudos, reflexões e práticas, da Universidade Estadual Paulista, de Assis (UNESP).

Destacamos esses eventos acadêmicos, porque os unatianos e unatianas participaram intensamente da programação, em especial, das sessões de apresentação de trabalhos, o que não é comum em eventos científicos. Como estes foram virtuais, o acesso e o acompanhamento das atividades realizadas em outras universidades foram possíveis. A presença e a participação dos idosos nestes momentos foi relevante e instigou outros pesquisadores a interagirem com eles.

Em 2021, os encontros permaneceram com a mesma dinâmica e recebeu novos integrantes unatianos. Nesse ano, participamos novamente de eventos de forma remota: acompanhamos o seminário intitulado: “Principais marcos/destaques na política nacional para a população idosa”, organizado pela Universidade Tecnológica

Federal do Paraná e o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional; a mesa redonda organizada pela Universidade Estadual Paulista, de Assis (UNESP), na qual a coordenadora do nosso projeto ministrou uma fala sobre intergeracionalidade; e os unatianos participaram do momento didático-cultural organizado pelo Programa Residência Pedagógica, socializando suas experiências e estabelecendo um diálogo com os residentes.

Além disso, apresentamos trabalho no 39º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, na Universidade Estadual de Londrina (SEURS/UEL) e no 4º Encontro Anual de Extensão, da Universidade Estadual de Maringá (EAEX/UEM). Novamente, destacamos a participação dos idosos nesses eventos, os quais fizeram uso da palavra, deixaram registrado as suas impressões e contribuições sobre a participação do idoso em diferentes espaços sociais, entre eles a universidade e a escola.

Assim, é possível asseverar que a pandemia trouxe diversos desafios, mas com ela aprendemos inúmeras coisas novas e nos adaptamos, estreitamos laços, aprofundamos as relações afetivas e de cuidado com o outro, seguimos nossa caminhada, produzindo e chegando a lugares que, talvez, presencialmente, não seria possível. Com isso, foi gratificante ver que os idosos conseguiram superar o obstáculo da dificuldade de manusear os meios tecnológicos, aprenderam a participar dos *meets* e a gravar vídeos sobre a elaboração dos brinquedos de infância. Ao valorizarem e compartilharem suas memórias, estes se sentiram acolhidos e pertencentes ao grupo formado com o suporte da universidade, que foi fundamental para atravessar esse período tão difícil preservando a saúde física e mental.

3 RESGATE DE MEMÓRIAS: REMEMORANDO O PASSADO

O Projeto de Extensão, além de trabalhar com as atividades intergeracionais, se dedicou às memórias dos unatianos. E isso foi feito de forma presencial com as oficinas de brinquedos, nas quais os idosos se voltavam à memória de sua infância para rememorar as brincadeiras, relembrar as regras, as cantigas e os brinquedos da sua época, a fim de confeccioná-los novamente.

As atividades intergeracionais foram primordiais para este resgate mnêmico, dado que os unatianos rememoraram seu passado e sua infância para repassar seus conhecimentos e suas experiências às acadêmicas integrantes do projeto e aos alunos das escolas da rede básica de ensino de Maringá-Paraná. Entre os cuidados

que tivemos nesse processo, foi o de orientar os idosos para não haver uma supervalorização do passado ou uma idealização dele. Resgatar a memória é fundamental para conhecer a nossa história, vivenciar nosso presente e planejar ações que valorizem nossas tradições e o nosso legado cultural.

Esta ação também foi realizada remotamente, por meio dos encontros virtuais, nos quais os idosos contavam suas vivências da infância e da juventude, rememorando momentos de alegria, de aprendizados e, também, de tristeza. Ademais, ao serem desafiados a confeccionarem brinquedos e registrarem sua construção de alguma forma (por vídeo ou foto), os idosos também se sentiram desafiados a novos aprendizados, em especial o domínio da tecnologia para compartilhar suas memórias de infância.

Nestes momentos observamos a alegria e a satisfação dos unatianos, pois eles sentiam sua história sendo valorizada. Com isso, consideramos estas práticas primordiais para o desenvolvimento do respeito entre as gerações indo contra um discurso saudosista, mas também contra uma ideia de extrema valorização somente daquilo que é novo. Em nossas leituras e vivências percebemos que o saudosismo nos leva a olhar somente para trás, não valorizando o presente e não traçando metas e planos para o futuro. Já a valorização exagerada do que é novo, descarta as tradições e os conhecimentos já formulados, tornando as relações e a sociedade líquida. Então, o projeto de extensão teve como objetivo desenvolver o que Vellas (2009, p. 164, grifos do autor) chama de

Plenitude de vida, eis o que pode ser o que deve ser o tempo da terceira idade. Uma vida de surpresas e de encantamento, certamente, mas também de fervor. Uma vida na qual a cada instante estamos prontos a agarrar a riqueza de cada momento que passa [...].

Além disso, de acordo com Bosi ¹⁰(1994), lembrar é diferente para o adulto em comparação ao idoso. Para o primeiro recordar é prazer e fuga; já para o idoso é revisitar seu passado e refletir sobre a sua vida, ganhando assim uma nova função social: a de lembrar, conservando os conhecimentos e as experiências. Considerando isto, afirmamos que é essencial termos nosso olhar voltado para o passado, ao mesmo

¹⁰ Ecléa Bosi organizou um livro intitulado “Mémoria e Sociedade: lembranças de velhos”, o qual foi sua tese de doutorado. Esta obra é dividida em quatro capítulos e tem como fundamentação teórica Maurice Halbwachs. O primeiro capítulo é dedicado à introdução de algumas ideias relacionadas à memória, iniciando em Henri Bergson para se chegar à Maurice Halbwachs. O segundo traz reflexões sobre o envelhecimento e os contextos sociais. O terceiro traz o relato de diversos idosos que foram entrevistados por Bosi. O quarto e último capítulo faz relações entre a memória e outros aspectos como o tempo, a família, a política e a sociedade, utilizando o relato dos idosos como objeto de análise.

tempo em que planejamos o futuro e compreendemos o presente, pois são nos acontecimentos pretéritos que estão as bases das culturas, dos costumes e dos conhecimentos já formados; sendo assim, para renovar é necessário conhecer o que já está posto.

Para Arendt (2011), a crise da autoridade na educação está intimamente ligada com a crise de tradição. Por isso, é papel do professor “[...] estabelecer a mediação entre o antigo e o novo, razão pela qual a sua profissão exige de si um extraordinário respeito ao passado [...]” (ARENDR, 2011, p. 243). A educação está sempre passando por reformas e renovações, mas estas ações muitas vezes não trazem benefícios e avanços, dado que não se valoriza o que já se tem e o que já se viveu, como diz o ditado popular: “reinventa-se a roda”. Por isso a importância de rememorar, a fim de valorizar o que já se passou, mas também perceber o que precisa ser transformado e inovado.

Desse modo, buscamos valorizar as vivências e memórias dos idosos a fim de possibilitar uma qualidade de vida no presente e sonhos para o futuro. Objetivando compreender a discussão sobre memórias, recorreremos às contribuições de Maurice Halbwachs (1968) e ao nos propormos a estudar o pensamento de um autor é importante que nos atentemos ao seu contexto histórico e social, além de suas bases teóricas, pois estes elementos são fundamentais para compreendermos suas ideias.

Dessa maneira, como explica Duvignaud (1968), o pensamento de Maurice Halbwachs tem suas origens na teoria proposta por Émile Durkheim, sendo que ele “[...] recupera a visão durkheimiana de um social móvel, inventivo e enfatiza a complementariedade, a tensão, a correlação dialética entre classificações sociais e classificações mentais [...]” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 286), ou seja, os estudos de Halbwachs não faz a divisão entre a memória e o social, mas entende que estas duas esferas estão interligadas.

Conforme Duvignaud (1968), Halbwachs também experienciou um momento de ruptura na continuidade das sociedades europeias e com pensamentos vigentes naquele momento. Ele viveu a transição do século XIX para o XX, com as duas grandes guerras que assolaram o mundo, além das transformações sociais e econômicas trazidas pela Revolução Industrial. Nasceu em 1877, em Reims, na França e faleceu em 1945, no campo de concentração de Buchenwald, Alemanha, após ter sido preso pela Gestapo. Alexandre (1968, p. 23), afirma que

Poderá parecer simbólico que um dos homens mais interessados em definir a noção de homem enquanto pessoa distinta das coisas, que provoca a condenação radical do instrumento humano, do material humano, tenha suportado o inferno dos campos de concentração, onde a sociedade e o indivíduo são juntamente renegados e aniquilados.

Todavia, Maurice Halbwachs deixou uma grande contribuição para a Ciência e os estudos sociais, pois como aponta Alexandre (1968, p. 23) o livro *Memória Coletiva*, escrito por ele e publicado postumamente, “[...] nos traz os fragmentos da grande obra que ele projetava sobre o tempo. O que confirma que as relações da memória e da sociedade haviam se tornado o centro e o termo de seu pensamento [...]” (ALEXANDRE, 1968, p. 23).

Para compreender a memória, a teoria halbwachiana tem como um dos seus conceitos fundamentais: o depoimento, pois como pontua Duvignaud (1968) para Halbwachs é necessário a troca de experiências entre indivíduos de um mesmo grupo para a construção da memória. Neste sentido, aponta para a essencialidade das testemunhas, a fim de “[...] fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados [...]” (HALBWACHS, 1968, p. 25). A primeira testemunha, segundo o autor, somos nós mesmos, quando estabelecemos relação com o que já vivemos e as nossas percepções atuais, e depois outros indivíduos que podem estar presentes fisicamente ou mentalmente. Dado que, como afirma Duvignaud (1968), para Halbwachs a memória individual existe, mas ela está inserida em uma trama social, ou seja, em uma memória coletiva.

Halbwachs (1968) assevera que as lembranças se adaptam às nossas percepções atuais, como afirma Bosi (1994, p. 58) “[...] O conjunto de nossas ideias atuais, principalmente sobre a sociedade, nos impediria de recuperar exatamente as impressões e os sentimentos experimentados a primeira vez [...]” o que sugere uma diferença entre o pensamento halbwachiano e o bergsoniano¹¹.

Segundo Bosi (1994), Halbwachs avança nos estudos da memória em relação à Bergson, pois ele não trata os fenômenos mnêmicos em si mesmos, mas considera as instituições sociais presentes nestas relações, como reitera a autora:

¹¹ Os estudos desta vertente foram postulados por Henri Bergson, o qual foi professor de Halbwachs, inspirando-o a seguir neste campo de estudos, todavia mais tarde há uma ruptura no pensamento de ambos. Para o primeiro a memória é um retorno ao passado que se dá por meio da percepção das experiências do presente, as quais, como que um fio de pensamento, invocam o que um dia foi vivenciado. Já para o segundo não é possível vivenciar o passado da mesma forma como um dia foi experienciado. (BOSI, 1994)

[...] A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. Dando relevo às instituições formadoras do sujeito, Halbwachs acaba relativizando o princípio, tão caro a Bergson, pelo qual o espírito conserva em si o passado na sua inteireza e autonomia [...] (BOSI, 1994, p. 54).

Para Halbwachs (1968) rememorar é refazer o passado de acordo com as condições atuais, pois o sujeito sofreu mudanças ao longo da sua vida, e isso faz com que suas concepções e relações sociais se modifiquem, não sendo possível reviver exatamente o que um dia foi vivido. Assim, seu passado será visto sob a ótica do presente, como explica Bosi (1994, p. 55):

[...] Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito [...] Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor [...].

Dessa forma, de acordo com Schmidt e Mahfoud (1993, p. 289) a lembrança dentro do pensamento halbwachiano é reconhecimento e reconstrução. É reconhecimento, porque carrega consigo o “[...] “sentimento do já visto” [...]”. Em relação à reconstrução, as autoras trazem que primeiramente, é porque as memórias não repetem os acontecimentos, mas fazem um resgate a partir das perspectivas atuais e, em segundo lugar, porque estão localizadas em um tempo, um espaço e em um conjunto de interações sociais.

Ainda, nesse sentido, Bosi (1994) traz uma exemplificação feita por Halbwachs sobre a releitura que um idoso faz de um livro que leu na juventude. Sendo que em um primeiro momento há um contato com as sensações vividas na primeira leitura e a expectativa de reviver aquela experiência. No entanto, isso não é possível, uma vez que como explica a autora:

[...] Parece que estamos lendo um livro novo [...] em primeiro lugar, porque só agora reparamos em certas passagens, certas palavras, certos tipos, certos detalhes de ambientação que nos tinham escapado na leitura inicial; o nosso espírito, hoje, mais atento à verossimilhança da narrativa e à estrutura psicológica das personagens, move-se em uma direção crítica e cultural que, evidentemente, não podia entrar nos quadros mentais da primeira leitura [...] Em segundo lugar [...] passagens que nos tinham

impressionado ou comovido perderam, nesta outra leitura, muito do seu poder sugestivo, despojando-se, portanto, do prestígio que as circundava [...] (BOSI, 1994, p. 57).

Além disso, as atividades mentais do adulto são diferentes das presente na criança, pois o primeiro passa a investigar e considerar as questões de forma crítica; já a segunda se atenta a outros fatos estimulados pela curiosidade e a fantasia.

Bosi (1994) afirma que a linguagem é essencial para a socialização da memória, trazendo à tona novamente a ideia de que a memória individual mantém estreita relação com a memória coletiva, pois é no diálogo que a teia da rememoração vai se constituindo. Neste sentido, Halbwachs (1968, p. 34) assevera que

[...] Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam fazer parte de uma mesma sociedade [...].

Percebemos este fato nos diálogos estabelecidos no projeto, quando um assunto colocado pelo grupo desencadeava a rememoração de diversas experiências do passado que constituem o ser dos idosos. Lembrando dos grupos sociais que faziam parte e das pessoas que passaram pela sua vida e que contribuíram para os seus aprendizados, mesmo já não estando mais presentes fisicamente. Assim, os idosos compartilhavam suas memórias de forma escrita, verbal e por meio dos brinquedos, sempre destacando que era muito bom este resgate, visto que muitas coisas estavam “escondidas” e vinham à tona nas nossas conversas e atividades.

Este é, então, um dos aspectos mais importantes da tese de Halbwachs (1968, p. 26): nunca estamos sozinhos, “[...] nossas lembranças permanecem coletivas e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos [...]”.

Para exemplificar esta afirmação, o autor explica que é como chegar em uma cidade nova para visitá-la e lá observar determinados aspectos embasado em conhecimentos adquiridos com outras pessoas, como observar os prédios a partir do que um arquiteto já lhe disse; se atentar à história dos monumentos e das ruas, de acordo com o que um historiador lhe contou; ou analisar as cores, perspectivas e pinturas que envolvem a cidade, através do que um pintor já lhe ensinou.

Desse modo, caminhava sozinho só aparentemente, pois “[...] em todas essas circunstâncias, não posso dizer que estava só, que refletia sozinho, já que em pensamento eu me deslocava de um tal grupo para outro” (HALBWACHS, 1968, p. 26). À luz disso o autor assevera que as testemunhas não precisam estar presentes fisicamente, mas em pensamento.

Assim, para o autor as memórias são sempre coletivas, pois são constituídas dentro de um grupo de referência, uma comunidade afetiva, na qual o sujeito se conecta através das memórias. Além disso, os grupos do presente também permitem que o indivíduo localize as memórias nos quadros sociais já vivenciados (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993).

Com isso, o “Projeto Bola de Meia, Bola de Gude [...]” construía novas memórias em conjunto com os unatianos e os auxiliava a recordar as lembranças de seu passado, a fim de valorizar as suas vivências, as quais a partir de um fio condutor, mediado pelas lembranças e através do diálogo, o grupo constituía um “mosaico” de memórias.

Vellas (2009) aponta para a necessidade de valorização dos idosos e de suas potencialidades, visto que suas experiências podem contribuir com a sociedade e sua inserção na vida social possibilita uma melhor qualidade de vida, uma vez que em muitos casos

Bruscamente, por serem aposentadas [pessoas idosas], não são mais úteis. Elas têm, então, a consciência muito viva e muito dolorosa dessa inutilidade. Visto que, em diversas profissões, poucos aposentados vivem muito tempo depois de terem se aposentado...Morre-se de tédio e também de inutilidade (VELLAS, 2009, p. 94).

Diante das fortes palavras do autor, somos instigados a pensar de que forma os idosos podem ser valorizados e incluídos na sociedade, não sendo colocados na marginalidade (à margem da sociedade), como se já não tivessem mais como contribuir.

Sobre isso, o autor sugere que os idosos sejam inseridos em atividades nas quais eles possam colaborar a partir de seus saberes e de suas vivências, interagindo com outras pessoas e trocando experiências. Estas ações, conforme Vellas (2009), podem ser culturais e educativas; ações de saúde pública; ações sociais; atividades esportivas; ações de proteção ao meio ambiente; e ações de administração pública.

Isto é, são muitos os locais nos quais os idosos podem agir de acordo com suas condições e respeitando suas demandas. Aqui, destacamos as atividades educativas,

as quais têm como cenário a escola. Sobre essa, o autor assinala que ela deve se abrir à comunidade escolar, levando o desenvolvimento cultural à outras pessoas e não somente às crianças, realizando eventos extracurriculares, afirmando que, “[...] neste caso, os “terceira idade” poderiam exercer numerosas funções de informação, de contato, de animação, de trabalho, ou de reflexão” (VELLAS, 2009, p. 101).

Assim, as atividades planejadas e realizadas pelo/no projeto foram essenciais para o reconhecimento do potencial criativo, afetivo e disponível dos idosos. Criativo, pois inúmeras ideias e ensinamentos foram transmitidos pelos unatianos e unatianas; afetivo, porque eles se envolviam não só racionalmente, mas principalmente, emocionalmente em todas as atividades; disponível, pois eles estavam dispostos a aprender, ensinar e criar.

Todavia, isto só foi possível ao resgatarmos a memória, retomarmos as lembranças do passado, nos sensibilizando e valorizando as vivências e conhecimentos de cada sujeito, independentemente de sua idade. Possibilitando a troca de conhecimento entre as gerações, dado que os idosos se sentiam felizes por ensinarem e rememorem seu passado, mas também afirmavam que aprender coisas novas era enriquecedor para eles.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, primeiramente, permitiu que nos voltássemos às ações realizadas pelo projeto observando as suas contribuições para os idosos e para a nossa formação docente. Compreendemos que as atividades intergeracionais mediadas pelos brinquedos e brincadeiras, estabelecidas nas reuniões do projeto e nas escolas, viabilizou a valorização dos saberes e das vivências dos unatianos, estabelecendo uma troca de saberes, o que possibilitou o desenvolvimento do respeito às gerações, tanto das mais novas quanto das mais velhas, indo contra os preconceitos e os estereótipos ligados à idade.

Assim, como docentes e gestores, somos instigados a pensar de que forma podemos estabelecer estas relações dentro da instituição escolar, objetivando o desenvolvimento humano e integral dos alunos, os quais podem ensinar e aprender, se tornando um sujeito ativo no seu processo de aprendizagem. De igual maneira, os idosos se tornam protagonistas de suas vidas, podendo compartilhar seus inúmeros saberes.

Nesse sentido, consideramos que o resgate de memórias colaborou com a qualidade de vida dos unatianos, uma vez que eles se sentiam motivados e valorizados ao olhar para o seu passado, socializá-lo e representá-lo por meio dos brinquedos e brincadeiras, trazendo significado ao que já viveram.

Percebemos então, a importância da educação como meio de acolhimento e integração dos idosos, pois através dela eles têm a chance de viver experiências que os inspiram e alegam, além de poder continuar aprendendo e desenvolvendo suas potencialidades, dado que sempre é tempo de aprender. Com isso, salientamos a importância da UNATI, que dá voz e lugar ao idoso no ambiente acadêmico, o qual é tão rico em diversidade e conhecimento.

Além disso, destacamos a fundamental existência do tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão. Uma vez que por meio do ensino temos acesso a conhecimentos essenciais para a formação acadêmica; a pesquisa, nos permite ter um olhar crítico e reflexivo; e a extensão, nos possibilita viver experiências ricas através da relação teoria-prática, levando a universidade para além do campus, em contato com a comunidade, ademais, sem a extensão as nossas ações não teriam sido possíveis.

De igual importância são os programas PIBID e Residência Pedagógica, os quais possibilitaram a criação do projeto de extensão, cuja parceria viabilizou a realização das atividades nas escolas, tornando a relação universidade-escola mais acessível. Concluímos também que os programas e o projeto de extensão, nos permitiu, como pedagogas, ter um olhar diferenciado para a terceira idade, a qual também deve ser incluída na educação, possuindo suas especificidades e se caracterizando como um local de atuação do pedagogo.

Além disso, o resgate de memória nos possibilita um olhar mais sensível ao nosso próprio passado, reconhecendo que também já fomos crianças. Isso permite que o professor tenha um olhar diferenciado para com os seus alunos, não estabelecendo uma relação autoritária e hierárquica, mas uma relação de respeito em que o docente é um sujeito detentor de experiências e conhecimentos diferentes da criança, por conta de sua maior experiência de vida, mas isso não o torna superior ao educando, somente o permite apresentar aos seus alunos o mundo e os saberes já construídos.

Dessa maneira, compreendemos que as reflexões e atividades propostas pelo “Projeto de Extensão Bola de Meia, Bola de Gude: de conversas sobre memórias de brinquedos, jogos e brincadeiras à interação pedagógica com alunos da educação

básica”, contribuíram para a valorização e conservação das memórias dos unatianos, nos permitindo pensar na educação e na prática docente.

Almejando uma educação que esteja pautada em bases sólidas, ou seja, conhecimentos científicos importantes que foram construídos historicamente e que fazem parte da tradição educacional. Além de pensar em um ensino humano que respeita cada pessoa em sua individualidade, valorizando seus saberes independentemente da sua idade, pois todos temos com o que contribuir e o que aprender.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Jean Michel. Introdução. In: HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. p. 18-23.

ALVARENGA, Glaucia Martins de Oliveira; YASSUDA, Mônica Sanches; CACHIONI, Meire. Inclusão digital com tablets entre idosos: metodologia e impacto cognitivo. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 20, n. 2, p. 384-401, 2019.

ARENDDT, Hannah. Crise na educação. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 221-247.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Lei nº 8.069** de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 01 abr. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.741** de 01 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 01 out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 01 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES). **Edital nº 7/2018**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/01032018-edital-7-2018-pibid-pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES). **Edital nº 1/2020**. Brasília, 2018. Disponível em:

<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/06012020-edital-1-2020-resid-c3-aancia-pedag-c3-b3gica-pdf> Acesso em: 10 abr. 2022.

CACHIONI, Meire; NERI, Anita Liberalesso. Educação e gerontologia: desafios e oportunidades. **RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, p. 99-115, jan./jun. 2004.

CORDEIRO, Ana Paula. Oficinas de teatro da UNATI - Unesp de Marília: o lúdico como elemento estimulador dos processos de criação teatral da pessoa idosa. **Educação em Revista**, Marília, v.7, n.1/2, p. 67-84, 2006.

CRUZ, Paulo Roberto de Araújo; PIANA, Darci. Apresentação. *In*: VELLAS, Pierre. **As Oportunidades da Terceira Idade**. Maringá: Eduem, 2009. p. 7-10.

DOURADO, Simone Pereira Da Costa. A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em “grupo de risco”. **Cadernos de Campo**, São Paulo (online), v. 29, p.153-162, 2020.

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. *In*: HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. p. 9-17.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. O que é uma pandemia. **Fiocruz**, 2021. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%2C%20pandemia%20%C3%A9,sustentada%20de%20pessoa%20para%20pessoa>. Acesso em: 09 mai. 2022.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? *In*: GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. p. 30-40.

GRAEFF, Lucas; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Maurice Halbwachs: dos quadros sociais à memória coletiva. *In*: BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Memória social: revisitando autores e conceitos**. Canoas: Unisalle, 2018. p. 55-70.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE. Expectativa de vida dos brasileiros aumenta 3 meses e chega a 76,6 anos em 2019. **Censo 2021**, 2021. Disponível em: <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/29505-expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumenta-3-meses-e-chega-a-76-6-anos-em-2019.html>. Acesso em: 17 abr. 2021.

KISHIMOTO, Tizuku Morchida. **Brinquedos e Brincadeiras de Creches: manual de orientações pedagógicas**. Brasília: MEC/SEB, 2012.

LOLLI, Maria Carolina Gobbi dos Santos; LOLLI, Luiz Fernando; MAIO, Eliane Rose. Universidade Aberta à Terceira Idade: uma tentativa de emancipação. **Revista LABOR**, Fortaleza, v. 1, n. 12, p. 131-151, 2014.

LOLLI, Maria Carolina Gobbi dos Santos. et al. Uso das novas tecnologias da informação e comunicação entre idosos frequentadores da UNATI/UEM: perfil, motivações, interesses e dificuldades. **Revista de Teorias e Práticas Educacionais**, Maringá, v. 1, n. 1, p. 9-15, out./dez. 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5 ed. Revista e ampliada. Goiânia: MF Livros, 2008.

LIMA, Marcelo Alves. **A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a Terceira Idade**: a UnATI/UERJ. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/282007/1/Lima_MarceloAlves_M.pdf f. Acesso em: 10 abr. 21.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde**, Maguinhos, v.15, n.1, p.155-168, jan./mar. 2008.

MENDES, Sara Maria da Cunha. **A Importância dos Laços Afetivos na Terceira Idade**. 2017. Relatório de Estágio do Mestrado em Educação – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2017. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/55057/1/Relat%c3%b3rio%20Sara%20Mendes.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. O que é a Covid-19? **Ministério da Saúde**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus#:~:text=A%20Covid%2D19%20%C3%A9%20uma,transmissibilidade%20e%20de%20distribui%C3%A7%C3%A3o%20global>. Acesso em: 09 mai. 2022.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em Gerontologia**. São Paulo: Editora Alínea, 2005.

SILVA, Noêmia Lima. et al. Novas estratégias do NUPATI/UFS para pessoas idosas durante o isolamento social. In: Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, 7., 2020, Campina Grande. **Anais** [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: http://editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2020/TRABALHO_EV136_MD1_SA7_ID2034_18102020210601.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

SILVA, Raquel Filipa Rodrigues. **Vivências afetivas na terceira idade num contexto institucional**. 2012. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social Aplicada) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13338/1/TESE%20COMPLETA%20RAQUEL.pdf> Acesso em: 10 abr. 2021.

SIMÕES, Celso Cardoso Silva. Breve histórico do processo demográfico. In: FIGUEIREDO, Adma Hamam (Org.). **Brasil**: uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. p. 39-73. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97884.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2021.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. *Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência*. Psicologia USP, São Paulo, v.4, n. 1, p. 285-298, 1993.

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. *Intratextos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2013.

TEIXEIRA, Anísio. Notas para a história da educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. 37, n.85, jan./mar. p.181-188,1962.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. **Resolução COU nº 034/2009**, de 14 de dezembro de 2009. Aprova criação da UNATI/UEM e adota outras providências. Conselho Universitário: Maringá, 21 dez. 2009. Disponível em: <http://www.scs.uem.br/2009/cou/034cou2009.htm>. Acesso em: 10 abr. de 2022.

VELLAS, Pierre. **As Oportunidades da Terceira Idade**. Tradução e notas de Claudio Stieltjes e Regina Taam. Maringá: Eduem, 2009.